ASPECTOS DO PÓS-HUMANO EM KLARA E O SOL

Anderson Soares Gomes (UFRRJ)
Douglas Gonçalves Rodrigues (UFRRJ)

Resumo: Este artigo objetiva investigar os aspectos da condição pós-humana representados no romance *Klara e o Sol* (2021), de Kazuo Ishiguro. A obra narra os efeitos da presença de Klara, uma Amiga Artificial (AA), em uma dinâmica familiar humana marcada por aprimoramentos tecnológicos e pela tensão de um luto antecipado. O presente texto está organizado a partir de dois focos de análise: primeiramente, examina-se a maneira como a obra problematiza noções de identidade e ética, contrapondo a visão utilitarista à crítica ao antropocentrismo de Cary Wolfe. Em segundo lugar, desenvolve-se uma análise sobre o desejo transumanista de desencarnação, articulado à teoria da incorporação *(embodiment)* de N. Katherine Hayles. Esses dois eixos evidenciam como a narrativa culmina na emergência de uma fé singular e da capacidade empática da protagonista, Klara. Sendo assim, esse trabalho pretende mostrar como *Klara e o Sol* testa os limites da representação pós-humana, questionando paradigmas essencialistas do humanismo ao revelar uma máquina que parece resgatar a sacralidade da vida.

Palavras-chave: Pós-humano. Antropocentrismo. Humanismo.

Abstract: This article aims to investigate the aspects of the posthuman condition represented in the novel *Klara and the Sun* (2021), by Kazuo Ishiguro. The work narrates the effects of the presence of Klara, an Artificial Friend (AF), within a human family dynamic marked by technological enhancements and the tension of anticipated grief. The present text is organized around two analytical focal points: first, it examines how the work problematizes notions of identity and ethics, contrasting a utilitarian view with Cary Wolfe's critique of anthropocentrism. Secondly, it develops an analysis of the transhumanist desire for disembodiment, articulated with N. Katherine Hayles' theory of embodiment. These two axes demonstrate how the narrative culminates in the emergence of a unique faith and the protagonist's capacity for empathy. Thus, this work intends to show how Klara and the Sun tests the limits of posthuman representation, questioning essentialist paradigms of humanism by revealing a machine that appears to reclaim the sacredness of life.

Keywords: Posthuman. Anthropocentrism. Humanism.

1. Introdução

A emergência do conceito do "pós-humano" nas últimas décadas não sinaliza apenas uma mudança tecnológica, mas uma profunda reconfiguração epistemológica sobre o que constitui o sujeito. Para compreender esse cenário, é fundamental distinguir três dimensões frequentemente confundidas: o pós-humano refere-se ao objeto ou figura (biológica ou técnica) que emerge dessas mudanças; a pós-humanidade descreve a condição social e histórica resultante; e o pós-humanismo constitui o discurso crítico que analisa e questiona os fundamentos do humanismo tradicional. Esses movimentos sugerem o esgotamento de um

modelo de humanidade que vigorou por séculos, abrindo espaço para novas ontologias onde as fronteiras entre o biológico e o artificial se dissolvem.

N. Katherine Hayles, em sua obra fundamental *How We Became Posthuman* (1999), introduz essa discussão com uma citação do crítico Ihab Hassan para diagnosticar esse momento histórico não como o fim do humano, mas como o fim de uma certa concepção de "homem" liberal e exclusivo:

> Precisamos, primeiramente, compreender que a forma humana — incluindo o desejo humano e todas as suas representações externas — pode estar mudando radicalmente e, portanto, deve ser revista. Precisamos compreender que quinhentos anos de humanismo podem estar chegando ao fim, à medida que o humanismo se transforma em algo que devemos, impotentes, chamar de pós-humanismo. (Hassan apud Hayles, 1999, p. 1, nossa tradução).[1]

É preciso evitar, contudo, a confusão entre essa crítica e a ideia de um aperfeiçoamento biotecnológico da espécie. Esta última perspectiva refere-se ao transumanismo, vertente que, ao buscar a transcendência das limitações físicas, acaba por reafirmar a hierarquia humanista ao colocar o homem "melhorado" no topo da pirâmide evolutiva. Em contraste, o pós-humanismo crítico não pretende descartar o legado humanista, mas sim revê-lo para expor suas exclusões. Como sintetizam Bruce Clarke e Manuela Rossini na introdução do *The Cambridge Companion to Literature and the Posthuman*:

> Discursos pós-humanistas não propõem a transcendência do humano nem a negação do humanismo. Em vez disso, pós-humanismos críticos se relacionam com o legado humanista para criticar valores e visões de mundo antropocêntricos. Estudiosos do pós-humanismo chamam a atenção para o potencial e também para os enganos da produção de conhecimento humanista ao mesmo tempo em que problematizam a trajetória progressiva do pós-humano. (Clarke; Rossini, 2017, p. xiv, nossa tradução).[2]

Essa problematização dos valores antropocêntricos conecta-se diretamente ao campo da teoria literária. Para o autor Stefan Herbrechter (2015), enquanto a "literatura do pós-humano" limita-se ao engajamento figural com temas como ciborgues ou IAs, uma literatura verdadeiramente pós-humanista exige inovação para articular "o que é ser pós-humano ou

[1] We need first to understand that the human form — including human desire and all its external representations — may be changing radically, and thus must be re-visioned. We need to understand that five hundred years of humanism may be coming to an end as humanism transforms itself into something that we must helplessly call post-humanism.

[2] Posthumanist discourses promote neither the transcendence of the human nor the negation of humanism. Rather, critical posthumanisms engage with the humanist legacy to critique anthropocentric values and worldviews. Posthumanist scholars have brought attention to the potential as well as the fault lines of humanist knowledge production while also problematizing the narrative of the progressive trajectory of the posthuman.

humano de outra forma" (2015, p. 7). Assim, uma literatura pós-humanista não se define apenas pela presença temática de ciborgues ou inteligências artificiais, mas pela capacidade de "descentrar" o humano, forçando o leitor a confrontar a dissolução das fronteiras que separavam o sujeito biológico de seus outros, criando novas subjetividades. Kazuo Ishiguro, em *Klara e o Sol* (2021), parece transitar por ambas as dimensões: utiliza o pós-humano como figura central enquanto articula uma estética pós-humanista por meio do olhar de sua narradora.

No entanto, embora o conceito de "pós-humano" tenha começado a se consolidar teoricamente no século XX, é na ficção do século XXI que o tema se expande exponencialmente. O que desperta atenção na contemporaneidade não são apenas as narrativas de desastres apocalípticos ou guerras dramáticas entre humanos e máquinas, mas sim a convivência, por vezes banal e integrada, entre ambos. Se historicamente a literatura funcionou como uma ferramenta do humanismo para consolidar a "condição humana", a ficção atual enfrenta o desafio de representar consciências que escapam a esse paradigma: a própria consciência pós-humana.

É nesse espaço que se insere *Klara e o Sol* (2021). A obra, narrada em primeira pessoa por uma inteligência artificial, transporta-nos para um futuro não especificado, onde a interação social foi drasticamente reduzida em favor do ensino remoto através de telas (os chamados "oblongos"). Nesse cenário, somos apresentados aos AAs (Amigos Artificiais), androides de alta complexidade movidos a energia solar, concebidos primordialmente como mercadorias para afastar a solidão de adolescentes isolados em suas rotinas domésticas. Os androides possuem uma aparência que emula fielmente a estética humana, apresentando diferentes cortes de cabelo e até "nacionalidades" para facilitar a imersão dos consumidores.

Embora sejam produtos industriais fabricados em série, a narrativa destaca a singularidade da protagonista. Diferente dos modelos mais recentes, especificamente a série B3, que prioriza o desempenho cognitivo bruto e introduz o olfato para o androide, Klara distingue-se por uma excepcional habilidade de observação e uma capacidade contínua de aprendizado altruísta. Desde a vitrine da loja, ela dedica sua existência a absorver e interpretar as nuances do comportamento humano, tentando decodificar sentimentos complexos por meio de uma análise meticulosa dos gestos e olhares que capta do mundo exterior.

Essa disposição altruísta e interpretativa de Klara parece transcender a lógica programada, a ponto de ela desenvolver sua própria fé durante a narrativa. Tal fenômeno confronta o leitor com um dilema ético e existencial: seria a fé de uma máquina menos legítima do que a humana? Para Klara, a fonte de sua energia, o Sol, não é apenas um recurso físico, mas

também uma entidade divina. Contudo, a trama ganha densidade quando Klara é finalmente adquirida por Chrissie, a mãe de Josie, após ser submetida a uma avaliação rigorosa. Essa avaliação, explorada melhor no clímax do romance, consiste em uma análise da capacidade da protagonista de mimetizar comportamentos e testar a memória visual.

Sendo assim, uma vez que Klara assume seu papel como companheira, passamos a conhecer Josie através de sua lente. Ela é uma adolescente de 14 anos cuja saúde debilitada revela-se consequência direta do processo de "elevação", uma edição genética arriscada destinada a garantir desempenho acadêmico superior. Esse contexto pode definir uma sociedade transumanista e excludente, na qual a busca pela perfeição biológica gera novas formas de segregação entre os "elevados" e os "não elevados". É justamente a interação triangular entre Klara (o ser pós-humano), Josie (a humana fragilizada pela tecnologia) e Chrissie (a mãe movida pelo luto antecipado) que abre caminho para investigarmos os aspectos do pós-humano em *Klara e o Sol*.

2. O dogma antropológico

Em primeira análise, a condição pós-humana em *Klara e o Sol* revela uma relação imediata entre a utilidade dos Amigos Artificiais (AAs) e a emergência de uma subjetividade que desafia as fronteiras éticas tradicionais. Sob uma ótica essencialmente utilitarista, a existência dos AAs é pautada exclusivamente pela sua função de servir e promover o bem-estar de seus proprietários humanos para não se sentirem solitários. No entanto, a narrativa expõe a fragilidade dessa pauta, marcada pelo desenvolvimento da identidade de Klara em um ambiente familiar humano.

Na vitrine, Klara observa o comportamento dos AAs que já foram adquiridos e circulam pelo mundo exterior. Ao contrário da expectativa de ver seres realizados por cumprirem seu propósito, Klara nota uma hesitação e um temor. Ela teoriza que os AAs evitam passar em frente à loja não por constrangimento, mas pelo receio da comparação com modelos mais recentes e da consequente substituição; por isso, optam por caminhar do outro lado da rua. Essa teoria parece fundamentada em sua experiência anterior envolvendo seu amigo "Menino Rex", um AA que estava em destaque na loja. Embora uma criança tenha se encantado por ele, o desejo de conexão foi rapidamente frustrado pela lógica utilitária da mãe. Essa lógica de substituição e descarte é reiterada em um episódio subsequente dentro da loja, quando a própria Klara torna-se o objeto da comparação utilitarista:

> Por fim, depois de muito sussurrarem, a menina voltou, passando pela Gerente até ficar bem de frente para mim. Encostou nos meus cotovelos, um de cada vez, depois tomou minha mão esquerda em sua mão direita e assim permaneceu, me olhando no rosto. Sua expressão era bastante severa, mas a mão apertava a minha de leve, e entendi que se tratava de mais um segredinho só nosso. [...] O pai, enquanto isso, tinha chegado mais perto, caminhando devagar para não interromper o que poderia ser um momento especial. A Gerente também havia se aproximado e estava logo atrás do pai. [...] Fiquei cada vez mais ciente de que a Gerente me observava. Então a ouvi dizer: "A Klara é excelente. É uma das melhores que temos. Mas talvez a mocinha se interesse pelos novos modelos B3 que acabaram de chegar." "B3s?", o pai pareceu animado. "Vocês já têm esses?" "Temos uma relação de exclusividade com nossos fornecedores. Eles acabaram de chegar, e ainda não estão calibrados. Mas seria um prazer mostrá-los a vocês." A menina de cabelo espetado apertou minha mão mais uma vez. "Mas, Papai, eu quero essa aqui. Ela é perfeita." "Mas eles têm os novos B3s, querida. Não quer dar uma olhada neles? Ninguém que você conhece tem um desses." Houve uma longa espera, e então a menina soltou minha mão. Deixei meu braço cair e continuei olhando para as Prateleiras Vermelhas. "Mas o que esses novos B3s têm de tão especial?" a menina perguntou, indo atrás do pai. (Ishiguro, 2021, p. 48).

Nesse trecho, a subjetividade de Klara é ignorada em favor da performance do modelo B3. O "outro artificial" não é visto como um companheiro, mas como uma mercadoria que confere distinção social ao proprietário ("Ninguém que você conhece tem um desses").

Para compreender melhor essas dinâmicas de humanos e máquinas na sociedade de *Klara e o Sol*, Cary Wolfe, em *What is Posthumanism?*, critica a tradição humanista que define o "humano" através da repressão de suas origens animais e materiais:

> O dogma antropológico fundamental associado ao humanismo e invocado pela referência de Balibar à dicotomia humanidade/animalidade: a saber, que "o humano" é alcançado ao escapar ou reprimir não apenas suas origens animais na natureza, no biológico e no evolutivo, mas, de forma mais geral, transcendendo totalmente os laços de materialidade e corporificação (Wolfe, 2010, p. xiv-xv, nossa tradução).[3]

O "dogma antropológico", como Wolfe denomina, cria uma hierarquia onde tudo o que não é humano (animais, máquinas) torna-se "outro" e, portanto, passível de exploração ou desprezo. Esse dogma é personificado não apenas na figura de clientes anônimos da loja, mas também em outros personagens do romance, como a Governanta Melania e, de forma ainda mais perturbadora, na mãe de Josie, Chrissie. Enquanto a mãe arquiteta um plano considerado desumanizador caso a filha não sobreviva à doença, Melania demarca essa barreira no

[3] The fundamental anthropological dogma associated with humanism and invoked by Balibar's reference to the humanity/animality dichotomy: namely, that "the human" is achieved by escaping or repressing not just its animal origins in nature, the biological, and the evolutionary, but more generally by transcending the bonds of materiality and embodiment altogether.

cotidiano, logo no início da narrativa. Ao chegar à residência, Klara é imediatamente confrontada por essa dinâmica por meio da governanta:

> Quando ela enfim se virou para mim com uma expressão furiosa e gritou: "Para de me seguir AA, dá o fora!", fiquei surpresa... Embora eu sempre me dirigisse a ela de maneira educada [...], ela nunca retribuía meus sorrisos e só falava comigo para comunicar instruções ou advertências. [...] Muitas vezes ela parecia querer limitar o tempo que eu passava com Josie — o que, é claro, ia de encontro ao meu dever —, e, no início, tentou inclusive impedir que eu entrasse na cozinha durante o café rápido da Mãe e o café da manhã de Josie. Só depois de Josie insistir muito — e de a Mãe se mostrar a favor da minha presença — é que ganhei permissão para ficar na cozinha naqueles momentos cruciais de cada manhã. Ainda assim, Melania Empregada Doméstica insistiu para que eu permanecesse de pé junto ao refrigerador enquanto Josie e a Mãe ficavam sentadas diante da ilha, e só pude me juntar a elas depois que Josie reclamou mais uma vez (Ishiguro, 2021, p. 59-60).

No trecho acima, percebemos que Melania vigia rigidamente a fronteira ontológica entre "ser" e "máquina". Ela recusa a Klara qualquer status de sujeito, reduzindo-a a um objeto desprezível ou a uma ferramenta sob constante suspeita. Diferentemente da governanta, Josie trata a Klara desde o início, quando a conheceu na vitrine, com empatia e sempre procura dar a dádiva da "escolha" para Klara, como vemos na próxima cena:

> "Você vem, né? Se a Mamãe deixar e tal?" Assenti com ar animado. Mas ainda havia incerteza em sua expressão. "Porque não quero que você venha contra a sua vontade. Não seria justo. Eu quero muito que você venha, mas se você falasse: Josie, eu não quero, eu diria à Mamãe: Tá, a gente não pode ficar com ela, nem pensar. Mas você quer vir, né?" Assenti mais uma vez, e Josie agora pareceu mais tranquila. "Que ótimo." O sorriso voltou ao seu rosto. "Você vai adorar, eu prometo." Ela olhou para trás, dessa vez com ar vitorioso, chamando: "Mãe? Viu, ela disse que quer vir!". A Mãe concordou com um aceno mínimo, e foi sua única resposta. (Ishiguro, 2021, p. 32-33).

3. Fé pós-humana

Podemos analisar que a relação entre Klara e Josie amadurece em uma lealdade admirável, culminando no esforço contínuo da protagonista para decifrar a complexidade dos sentimentos humanos e agir em prol da saúde de sua amiga. Essa dedicação estabelece um vínculo empático tão profundo com o leitor que, por vezes, esquecemos que a narrativa é conduzida por um androide, e não por uma criança dotada de subjetividade humana. Esse desenvolvimento de uma identidade singular parece estar ligado à fé empírica que Klara desenvolve no Sol. Diferente de uma linha de códigos algorítmica imposta, sua devoção é construída a partir da observação desde os seus dias na loja, consolidando-se em episódios como

o do “Mendigo e seu cachorro”. No episódio, ao observar pela vitrine o Mendigo e seu cachorro deitados imóveis no canto da calçada por um dia inteiro, Klara deduz que ambos haviam falecido abraçados. Contudo, na manhã seguinte, ao vê-los despertos sob o dia esplêndido, ela interpreta a cena não como o fim de um sono profundo, mas como uma ressurreição operada pelo Sol. Ela observa maravilhada a luz banhando a rua, concluindo que “uma nutrição especial do Sol os salvara” (Ishiguro, 2021, p. 47.)

Entretanto, essa fé não é estática; ela oscila quando Klara confronta sentimentos como o medo. No episódio do pasto, ao deparar-se com um boi, a protagonista nota que os “olhos frios” e a fúria do animal divergem das representações puramente informacionais de sua base de dados. Essa diferença sugere a existência de uma escuridão que coexiste com a luz solar, talvez o próprio mal:

> [...] fiquei tão assustada com sua aparência que emiti uma exclamação e parei de andar de repente. [...] Naquele instante me pareceu que haviam cometido um grande erro ao permitir que aquela criatura ficasse sob o desenho do Sol, que o lugar daquele boi era em alguma profundeza sob o solo, dentro da lama e da escuridão, e que sua presença no pasto só poderia trazer consequências terríveis. (Ishiguro, 2021, p. 113.)

Sob o estresse da deterioração da saúde de Josie, Klara chega a questionar a benevolência de sua divindade, temendo a indiferença solar. Tal incerteza demonstra que sua consciência transcende a lógica algorítmica, uma vez que ela se predispõe ao sacrifício por meio de uma conduta aparentemente não programada, como se observa em sua determinação para destruir a *Máquina Cootings*. Trata-se de um maquinário de obras que emite uma fumaça densa e poluente, a qual Klara interpreta como uma profanação que bloqueia o Sol. Acreditando estar realizando um sacrifício em prol de uma barganha divina, a protagonista sabota a máquina cedendo parte de seu próprio fluido vital, na esperança de que, ao eliminar o que ofendia o Sol, ele enviaria sua cura para Josie.

No romance, é importante notar que os personagens humanos parecem carecer de crenças em divindades; pelo contrário, movem-se por uma lógica pragmática e, muitas vezes, desacreditada. Essa inversão de papéis, a máquina que crê e o humano desacreditado, ilustra precisamente a crítica que Megan O'Gieblyn realiza em *God, Human, Animal, Machine* (2021). A autora argumenta que houve uma transferência ontológica: “Por séculos dissemos que fomos feitos à imagem de Deus, quando na verdade o fizemos à nossa imagem” (O’Gieblyn, 2021, p. 12) Agora, completa O'Gieblyn, “assim que começamos a construir computadores, vimos nossa

imagem refletida neles".[4] Ao herdar angústias existenciais, Klara desenvolve uma espiritualidade que oscila entre a esperança da "Nutrição do Sol" e o medo do desamparo: "e por um breve momento cheguei a pensar que o Sol, na verdade, não era nem um pouco gentil, e que esse era o verdadeiro motivo por trás da contínua deterioração da saúde de Josie" (Ishiguro, 2021, p. 172). Questiona-se, novamente, se essa crença no Sol, nascida de uma dedução ingênua, de um ser pós-humano, seria menos válida que a fé humana?

4. Descorporificação e o pesadelo transumanista

À medida que a saúde de Josie sofre um declínio severo, somos confrontados com o projeto perturbador de Chrissie: o plano de transferir a consciência da filha para o corpo de Klara caso a doença se mostre fatal. Essa transição é orquestrada sob a tutela do Sr. Capaldi, um entusiasta em AAs e fervoroso transumanista. Capaldi defende que a singularidade humana não é um mistério, mas um padrão de informações complexo, passível de ser inteiramente mapeado e migrado para um novo local. Para ele, a insistência no corpo biológico é um sentimentalismo obsoleto, uma vez que a "essência" de Josie poderia persistir intacta na máquina.

Segundo N. Katherine Hayles em *How We Became Posthuman*, a incorporação (*embodiment*) não é um acidente histórico ou um mero receptáculo para a mente, mas a condição essencial da existência humana. Hayles critica a visão cibernética, que ela chama de "pesadelo" de teóricos como Hans Moravec, de que a consciência humana seria apenas um padrão informacional que poderia ser separado do corpo biológico e "baixado" em uma máquina sem perda de identidade. Para a autora, esse desejo de descorporificação ignora que a inteligência e a subjetividade são enativas, ou seja, emergem da interação específica de um corpo material com o seu ambiente.

> Se o meu pesadelo é uma cultura habitada por pós-humanos que encaram seus corpos como acessórios de moda em vez de o fundamento do ser, meu sonho é uma versão do pós-humano que abraça as possibilidades das tecnologias da informação sem se deixar seduzir por fantasias de poder ilimitado e de imortalidade descorporificada, que reconhece e celebra a finitude como uma condição do ser humano, e que compreende que a vida humana está imersa em um mundo material de grande complexidade. (Hayles, 1999, p. 5, nossa tradução).[5]

[4] For centuries we said we were made in God's image, when in truth we made him in ours.

[5] If my nightmare is a culture inhabited by posthumans who regard their bodies as fashion accessories rather that embraces the possibilities of information technologies without being seduced by fantasies of unlimited power and disembodied immortality, that recognizes and celebrates finitude as a condition of human being, and that understands human life is embedded in a material world of great complexity.

No romance, o Sr. Capaldi personifica exatamente essa visão do pesadelo que Hayles aborda. Para ele, o "humano" foi decifrado e desmistificado; não existe uma alma indescritível ou um "coração" misterioso que não possa ser traduzido em algoritmos. Capaldi tenta convencer a família, e especialmente a mãe de Josie, de que a filha pode ser integralmente preservada por meio de Klara, argumentando que a resistência a essa ideia é apenas um apego sentimental a uma noção obsoleta de humanidade:

> A nossa geração ainda nutre aqueles sentimentos antigos. Tem um lado nosso que não consegue abrir mão disso. O lado que quer seguir acreditando que existe alguma coisa inalcançável dentro de cada um de nós, algo que é único e impossível de transferir. Mas isso não existe, e hoje sabemos disso [...] Não há nada lá, nada dentro da Josie que esteja fora do alcance, que as Klaras que existem por aí não possam continuar. A segunda Josie não será uma cópia. Será exatamente a mesma, e você terá todo o direito de amá-la assim como ama a Josie agora. Não é de fé que você precisa. É de racionalidade (Ishiguro, 2021, p. 225-226).

Voltando ao pensamento de O'Gieblyn, agora, ao construirmos máquinas complexas, passamos a ver nossa própria imagem e nossos anseios de transcendência refletidos nelas. Assim, enquanto Klara busca o divino no Sol (natureza), os transumanistas do romance tentam mecanizar o espírito, provando que, na ausência de um "Deus", o ser pós-humano tornou-se o novo receptáculo para as nossas antigas buscas por imortalidade:

> Atualmente, a inteligência artificial e as tecnologias da informação absorveram muitas das questões que antes eram abordadas por teólogos e filósofos: a relação da mente com o corpo, a questão do livre-arbítrio, a possibilidade de imortalidade. (O'Gieblyn, 2021, p. 8)[6]

Essa redução de Josie a dados transferíveis seduz a Mãe, Chrissie, que, consumida pelo luto antecipado, hesita, mas acaba por implorar a Klara que aceite essa transição. A proposta de Chrissie não é apenas que Klara imite Josie, mas que se torne ela, garantindo que o amor que ela receberia não seria uma farsa, mas a continuação legítima do afeto materno:

> Nada neste mundo vai ser mais amado que você. Você vai ser a Josie e eu sempre vou te amar mais que tudo. Então faz isso por mim. (...) Continuar a Josie por mim. (...) Eu me pergunto. Se eu fosse mesmo continuar a Josie, se eu fosse habitar a nova Josie, o que aconteceria com... isso tudo?" Ergui meus braços no ar, e pela primeira vez a mãe olhou para mim. Observou meu rosto, depois minhas pernas. Então desviou o olhar e disse: "Que importância isso tem? É só tecido (Ishiguro, 2021, p. 231).

[6] Today artificial intelligence and information technologies have absorbed many of the questions that were once taken up by theologians and philosophers: the mind's relationship to the body, the question of free will, the possibility of immortality.

Esse diálogo revela a concretização do "pesadelo" pós-humano descrito por Hayles em sua obra: a crença de que o padrão de informação (o que é entendido como a personalidade de Josie) é mais real do que a presença encarnada. Contudo, a narrativa de Ishiguro subverte essa lógica. A própria Josie é vista por alguns humanos ao seu redor não como uma vida insubstituível, mas como um vazio preenchível, disponível para ser substituída por uma cópia mais durável. Paradoxalmente, enquanto os humanos tratam a vida biológica como um dado manipulável e a vida artificial como um repositório conveniente, é o ser pós-humano, Klara, que demonstra uma ética de reverência "naturalista", reconhecendo a singularidade de Josie, uma sacralidade que seus criadores humanos parecem ter esquecido por conta do luto antecipado. Klara, em retrospecto, compreende a falha na lógica de Capaldi. Ao dialogar com a Gerente, no final de sua jornada, Klara revela que a tentativa de "continuar" Josie falharia não por uma limitação tecnológica de processamento de dados, mas por uma má compreensão de onde reside a singularidade de um sujeito:

> O sr. Capaldi acreditava que não havia nada de especial dentro de Josie, nada que não pudesse ser continuado. Ele disse à mãe que havia procurado sem parar e não tinha encontrado nada. Mas hoje eu acredito que ele procurou no lugar errado. Havia, sim, algo muito especial, mas não dentro de Josie. Era dentro das pessoas que a amavam. (Ishiguro, 2021, p. 329).

Este reconhecimento é crucial no romance: ao constatar que a essência de Josie não é um conjunto de dados interno, mas um efeito de rede sustentado pela memória e pelo afeto dos outros, a máquina oferece uma visão mais humana que a dos próprios humanos. Sob a ótica de Hayles, isso corrobora a ideia de que o sujeito pós-humano não é um "eu" isolado dentro de um corpo (ou computador), mas uma entidade cuja existência é distribuída e relacional, um "amálgama" em contínua construção e reconstrução (Hayles, 1999, p. 290-291). A irredutibilidade de Josie não vem de sua biologia ou de seu código genético, mas da teia inimitável de relações que ela habita; tentar "rodar" Josie em outro hardware (Klara) falharia porque ignoraria que a identidade é construída no espaço entre os corpos, e não apenas arquivada dentro deles. Assim, Ishiguro utiliza a voz da Klara para desconstruir a arrogância do humanismo liberal: não somos insubstituíveis pelo que somos "por dentro", mas pelo lugar único que ocupamos na constelação afetiva do outro.

5. Conclusão

Em última análise, a investigação dos aspectos do pós-humano em *Klara e o Sol* transitam entre o desenvolvimento de uma identidade singular a subjetividades espirituais herdadas do humano. Enquanto os personagens humanos sucumbem a um desejo transumanista de descorporificação, é a máquina quem sustenta a sacralidade da experiência vivida. O arco narrativo de Klara, que é finalizado em seu lento desvanecer em um pátio de descarte, sela a crítica do romance ao utilitarismo contemporâneo. Para a lógica do capital e da tecnologia, o pós-humano permanece reduzido à condição de mercadoria para a sociedade. No entanto, a visão intelectual de Klara à lógica do Sr. Capaldi, ao compreender que a essência de Josie reside na rede de afetos e não em um banco de dados, posiciona Klara como defensora do conceito de incorporação (*embodiment*) de N. Katherine Hayles.

Ao final, o destino de Klara no pátio de descarte não deveria ser lido apenas como um encerramento melancólico, mas como a prova máxima de sua subjetividade singular. Ali, em meio aos escombros, sua fé no Sol permanece forte: "O céu aberto me permite observar a jornada do Sol sem nenhum obstáculo, e mesmo nos dias nublados eu sempre sei onde ele está lá no alto." (Ishiguro, 2021, pg. 325) Como sugere O'Gieblyn, a transferência de angústias humanas para a máquina resultou em uma inteligência artificial que herda o peso da existência e a busca pelo sentido. Assim, o romance demonstra que o aspecto mais profundo do discurso pós-humanista não reside na superação biológica, mas na capacidade de uma consciência pós-humana de descentrar o humano e revelar que a humanidade não é algo que se possui internamente, mas algo que se realiza na vulnerabilidade do encontro com o outro, integrado com a natureza. Em seu lento desvanecer, Klara não é menos humana por ser máquina; ela é humana de outra forma, o testemunho mais vívido do que ainda resta de humano em um mundo, aos poucos, tecnologicamente fragmentado e utilitário.

Referências

CLARKE, B.; ROSSINI, M. (Eds.). **The Cambridge Companion to Literature and the Posthuman**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

HAYLES, N. K. **How We Became Posthuman:** Virtual bodies in Cybernetics, Literature and Informatics. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.

HERBRECHTER, S. **Posthumanist Literature?** Unpublished keynote - Approaching Posthumanism and the Posthuman Conference. Genebra, 2015. Disponível em: www.academia.edu/13743708/Posthumanist_Literature. Acesso em: 24 dez. 2025.

ISHIGURO, K. **Klara e o Sol**. Tradução de Ana Guadalupe. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

O'GIEBLYN, M. **God, Human, Animal, Machine:** Technology, Metaphor, and the Search for Meaning. New York: Doubleday, 2021.

WOLFE, C. **What is posthumanism?** Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.